

A maçã no escuro, de Clarice Lispector: a leitura epistolar de Fernando Sabino e a questão do “tom conceituoso” e da emoção

Fabício Lemos da Costaⁱ

RESUMO

Este trabalho pretende refletir sobre a leitura de *A maçã no escuro* (1961), de Clarice Lispector (1920-1977), feita por Fernando Sabino (1923-2004). Essa recepção resultou numa contribuição realizada por meio de cartas trocadas pelos escritores entre Washington e Rio de Janeiro. Trata-se de diálogos epistolares importantes na história do romance, pois neles se justificam mudanças textuais, como título, prefácio e trechos, os quais evidenciaram o que Sabino explicou ser um “tom conceituoso” na narrativa. Além disso, pelas cartas, é possível problematizar o aspecto da emoção, que Clarice vai expor em suas correspondências, e que discutiremos a partir de seu projeto literário. Para este artigo, recorreremos às reflexões de Benjamin (2019), Curi (2001), Deleuze e Guattari (1980), Didi-Huberman (2021), Nascimento (2012; 2021), entre outros.

Palavras-chave: *A maçã no escuro*; Clarice Lispector; Fernando Sabino; Tom Conceituoso; Emoção.

ABSTRACT

This paper intends to reflect on the reading of *A maçã no escuro* (1961), by Clarice Lispector (1920-1977), by Fernando Sabino (1923-2004). Its reception resulted in a contribution made through letters exchanged by the writers between Washington and Rio de Janeiro. These are important epistolary dialogues in the novel history as they justify textual changes, such as the title, preface and excerpts, which highlighted what Sabino explained to be a “conceptual tone” in the narrative. Furthermore, through the letters, it is possible to discuss the aspect of emotion, which Clarice will expose in her correspondences, and that we will discuss from her literary project. For this article, we used the reflections of Benjamin (2019), Curi (2001), Deleuze and Guattari (1980), Didi-Huberman (2021), Nascimento (2012; 2021), among others.

Keywords: *A maçã no escuro*; Clarice Lispector; Fernando Sabino; Conceptual tone; Emotion.

ⁱ Graduado em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2012), Mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA, 2020). Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5578-8315> | fabricio.lemos1987@yahoo.com.br

UMA INTRODUÇÃO: O “NÃO-CONCEITO” NA FICÇÃO DE CLARICE LISPECTOR

O romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, teve a sua primeira publicação em 1961, pela editora Francisco Alves. Como o leitor pode comprovar ao final dessa narrativa, a data de uma das versões da obra consta de maio de 1956. Ao longo desse ano, a escritora, aceitando sugestões do amigo Fernando Sabino, alterou alguns aspectos do livro. Em 7 de maio de 1956, Lispector escreve para Sabino, falando-lhe de um romance que poderia se intitular “A veia no pulso”, depois denominado *A maçã no escuro*, o qual naquele momento possuía 400 páginas. Vale ressaltar que, nessa época, ela morava em Washington, pois era casada com um diplomata brasileiro.

Partindo dos diálogos de 1956, ano em que Lispector trocou várias correspondências com o autor Fernando Sabino, nosso objetivo é verificar como a recepção da obra pelo cronista contribuiu para modificar, em certa medida, vários aspectos do romance, como a alteração da focalização narrativa e o questionamento da tendência para um tom “conceituoso”, isto é, com a presença de traços explicativos em sua primeira versão. O “não-conceito” não significa um “não-pensamento” na literatura da escritora, ao contrário, pela saída do conceitual, inaugura-se uma nova forma de experiência, evidenciada principalmente pelas sensações. Diante dos comentários de Fernando Sabino em relação ao conceito, podemos vislumbrar uma longa discussão na recepção da literatura de Lispector.

O “não-conceito”, entendido aqui como “não-explicação”, revela a grandiosidade da ficção de Clarice, perpassando pela história da recepção, segundo as temáticas e interpretações privilegiadas em cada momento. É interessante pensar que o excesso de explicação (conceito) poderia significar qualquer limite de sentido, em detrimento da sugestão.

À luz da “desterritorialização”, conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*, publicado em 1972, e desdobrado em *Mil Platôs* (1980), a ficção de Lispector caminha na contramão da “territorialização”. Para Simone Curi (2001, p. 55), “identificar a escritura de Clarice Lispector a qualquer espaço é arriscar territorializá-la em guetos de significações”. Obviamente, o escritor de *O Encontro marcado* (1967) não discute com profundidade essas questões, mas, lançado o termo “conceituoso”, é

possível avaliarmos as visões de intérpretes desde o aparecimento do primeiro trabalho da autora. Na qualidade de ficção “não-conceitual”, os críticos puderam interpretar a sua literatura como “discurso íntimo ou místico-religioso; outros, um conteúdo político-filosófico” (CURI, 2001, p. 55). Trata-se de uma “obra aberta”, para usarmos um conceito de Umberto Eco (1971).

No que tange à recepção crítica de *A maçã no escuro*, vale a pena buscar no “não-conceito” a chave para justificar leituras tão diferentes da obra. Em várias décadas, por exemplo, a narrativa foi lida pelo viés existencialista-fenomenológico e religioso, como encontramos na crítica de Benedito Nunes (*O mundo de Clarice Lispector* (ensaio), 1966; *Leitura de Clarice Lispector*, 1973; *O Drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, 1995) e de Olga de Sá (*A Escritura de Clarice Lispector*, 1979). Em meados dos anos 2000, a história de Martim começou a ser interpretada por uma visão mais real, “concreta” e política, dando ênfase à animalidade, ao nomadismo e ao devir, como vemos nas críticas de Carlos Mendes de Sousa (*Clarice Lispector: figuras da escrita*, 2000) e Simone Curi (*A Escritura Nômade de Clarice Lispector*, 2001). Em suma, o viés “conceituoso” foi mencionado por Sabino com fins de mudança textual. Com o termo, discutiremos o projeto ficcional da autora, arrolado à interlocução entre os escritores. Passemos às discussões das epístolas.

1. DAS CARTAS: O “NÃO-CONCEITO”, O PENSAMENTO, AS SENSACIONES E A EMOÇÃO/AFETO

Nas missivas, publicadas no livro *Cartas perto do coração* (2011), é evidente o interesse de Sabino e Lispector pela publicação de livros dos escritores daquela geração, como *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, publicado em 1956, assim como pedido de notícias de amigos e diálogos sobre a criação de seus próprios trabalhos ficcionais, como é o caso de *A maçã no escuro*. Em nosso estudo, destacaremos os comentários de Fernando Sabino em relação ao processo criativo de *A maçã no escuro*, juntando-se com as respostas de Clarice Lispector.

Sabino é um leitor “privilegiado”, que pôde sugerir modificações na própria constituição da narrativa, discutindo título e principalmente trechos, que, na visão/leitura do cronista, não correspondiam ao tom geral da obra. Veremos que a

contribuição do escritor revela uma leitura que compreende questões fundamentais do romance.

Começamos com uma correspondência do dia 7 de maio de 1956. Na mensagem, interessa-nos a menção ao que se tornaria *A maçã no escuro*, naquele momento ainda com o título provisório de “A veia no pulso”. O título¹ do romance, como comprovam os diálogos, foi motivo de um longo debate entre eles. Clarice comunica:

Estou copiando meu romance, por assim dizer terminado. Acho que vai se chamar “A veia no pulso”. Mas o nome me parece tão solto, às vezes. Quanto eu daria para você ler e me dizer o que devo ou não tirar, se o livro está ambicioso ou pretensioso, só Deus sabe, eu não sei. Já me sinto longe dele, ele não me diz mais nada [...] Fernando, que editor você acha que quereria publicar “A veia no pulso”? (O livro tem 400 páginas). Se você me disser o nome de dois ou três possíveis, eu escreverei para eles, “oferecendo”. Mas queria que fosse um editor que pudesse publicar sem demora, o mais rápido possível. (LISPECTOR, 2011, p. 121)

De acordo com o fragmento, vê-se a importância de Fernando Sabino para a publicação dos livros da amiga, haja vista que ela estava geograficamente distante das editoras brasileiras. Além disso, é curioso como a autora de *A Paixão segundo G.H.* (1964) demonstra sua inquietude no que tange à urgência de publicação de *A maçã no escuro*. Segundo os comentários da ficcionista, publicar o romance, seguindo uma certa rapidez, significaria deixá-la “livre”. No tocante à “liberdade” reclamada por Lispector, percebe-se um tipo de esgotamento com a história de Martim, personagem que se encontra em fuga, depois de ter cometido um ato de violência contra a esposa, acreditando tê-la assassinado. Antes de encontrar uma fazenda, propriedade de uma mulher chamada Vitória, o fugitivo conviverá com vegetais, animais e minerais em um terreno de forte teor “primitivo” e orgânico.

Em carta de 8 de junho de 1956, Sabino comunica das possíveis editoras que poderiam publicar *A maçã no escuro*, como Agir, Civilização Brasileira e José Olympio; no entanto, ele considera um tanto difícil, já que Clarice manifestava pressa. Mostrando-se interessado pelo romance, Fernando, inicialmente, promete comentá-lo apenas depois de publicado. Sabemos que isto não aconteceu, como revela Lispector em mensagem do dia 12 de julho de 1956:

Claro que quero que você o comente comigo antes mesmo da publicação! E pelo amor de Deus, me dê a honra de ser franco. Eu poderia dizer a você já agora o que acho dele. Mas prefiro que você leia antes e depois lhe farei perguntas. O que acho dele faria com que você tivesse preguiça antes de começar. (LISPECTOR, 2011, p. 125)

É possível perceber que a visão da autora sobre a narrativa é quase um motivo de inquietação para ela. Por outro lado, havia uma necessidade² de comentário por parte de Sabino, que, dependendo da recepção, traria qualquer ânimo para a escritora: “Oh Fernando, o livro me parece pretensioso (mesmo que tenha sido escrito sem essa intenção) e cacete e falho. E o título me dá enjoo” (LISPECTOR, 2011, p. 126). Em setembro do mesmo ano, Sabino envia os primeiros comentários sobre o livro. Infelizmente, as duas páginas da carta foram perdidas. No que restou, o escritor se mostrou bastante solícito com a obra, gostando “praticamente do livro todo” (SABINO, 2011, p. 130). Para tanto, interessa-nos os pontos levantados por Sabino, sobretudo ao que ele chama de “tom conceituoso” nas epístolas seguintes.

De acordo com Sabino, o romance não se constitui um todo conceituoso, por outro lado, na versão lida por ele, há “andaimos” que poderiam ser “retirados” depois da “casa pronta”, isto é, algumas frases, para o autor, fogem ao sentido geral do livro:

Para começar, não achei o tom de seu livro conceituoso nem dogmático; conceituosos e dogmáticos, na minha opinião, são exatamente algumas frases que marquei e que por isso mesmo fogem ao tom geral do livro, tom este absolutamente adequado ao que você tentou, e consegui, dizer. São apenas andaimos, que podem ter ajudado a concepção do livro, mas que devem ser retirados, obra acabada – e neles incluo o “prefácio” e o uso excessivo da primeira pessoa (onde assinalei). Todo mundo sabe que um construtor constrói uma casa para outra pessoa morar e para isso ele põe na construção uma placa com seu nome – mas depois da casa pronta não é preciso placa nenhuma para todo mundo saber que alguém (que não mora ali) a construiu. (SABINO, 2011, p. 134)

Estamos diante de uma recepção de *A maçã no escuro* que ultrapassa a concepção crítica de obra pós-publicada, já que se trata de uma leitura com fins de contribuição concreta, isto é, que implica em mudanças no próprio texto. Na produção clariciana, não é a primeira vez que um leitor amigo sugere algo na constituição de algum texto da autora. Basta lembrarmos a inserção da epígrafe retirada do livro *Um retrato do artista quando jovem* (1916), de James Joyce, em *Perto do coração selvagem* (1943), sugerida³ por Lúcio Cardoso.

No caso de *A maçã no escuro*, os diálogos epistolares acarretam a modificação de título, mudanças de trechos e supressão de prefácio. Da sugestão para modificação de fragmentos, temos um exemplo presente em “notas de leitura dos originais”, remetidas em setembro de 1956: “‘basta nos lembrarmos’, etc.: eu fugiria à primeira pessoa, dá um tom conceituoso, que escapa à natureza do romance, pelo menos em casos como esse. Afinal de contas isso é romance mesmo, não é ensaio” (SABINO, 2011, p. 152). Sabino é pontual para determinados casos, como comprovam as “notas” de leitura, mas certos questionamentos do cronista, como a questão do “tom conceituoso”, estimulam-nos a aprofundar a discussão, para além do que foi dito nas cartas.

Passemos ao “tom conceituoso”, referendado por Sabino. Em 21 de setembro de 1956, Clarice responde: “você tocou num ponto que desde o começo da escritura do livro me afligiou: o tom conceituoso, dogmático. Vou tentar explicar, mas explicar não justifica” (LISPECTOR, 2011, p. 131). Antes de adentrarmos na opinião de Sabino, gostaríamos de trazer para nossa reflexão a questão da obra de Lispector como ficção pensante, abordada por Evando Nascimento. No livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (2012), o pesquisador argumenta: “com Clarice, a palavra pensamento perde sua condição exclusivamente filosofante para ser um dado do sentimento-experiência” (p. 36). Por meio da explicação do crítico, é possível compreendermos o que Fernando Sabino pretendeu mostrar a Lispector: a presença do “tom conceituoso”.

Sob a égide do “não-conceitual”, sublinhamos que a ficção pensante de Lispector não implica sentido filosófico à maneira tradicional, ou seja, marcas que levariam à busca de definição de quaisquer questões pela via da racionalidade e da lógica. No âmbito da discussão, *A maçã no escuro*, como sugerem as observações de Sabino, perfaz-se na ausência de explicação. Dialogando com a crítica mais atual⁴, o romance, ao contrário, caminha em devir⁵ constante, em que o homem se mistura com animais, plantas, minerais e outros, não havendo desejo de classificação das ações na experiência da personagem – o itinerário do protagonista caminha em sensações.

Em devir com orgânicos e inorgânicos, o protagonista inaugura uma vivência que cresce em afeto. Afeto aqui significa a capacidade do fugitivo em ser afetado/contaminado por todas as formas vicinais de existência. Como excursão, podemos perceber na narrativa ecos de um Alberto Caeiro, pseudônimo de Fernando Pessoa, cujo pensamento é dado em sensações, nunca em conceitos:

Sou um guardador de rebanhos. / O rebanho é os meus pensamentos/ E os meus pensamentos são todos sensações. / Penso com os olhos e com os ouvidos/ E com as mãos e os pés/ E com o nariz e a boca / Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la/ E comer um fruto é saber-lhe o sentido. (PESSOA, 1960, p. 148)

Sem conjugar qualquer tipo de hierarquia entre ficção e discursos marcados pelo conceito (filosofia, por exemplo), Sabino pretendeu pontuar a qualidade literária daquele romance em processo de formação. O que o cronista intentou alertar com seus questionamentos está relacionado à forma como o pensamento se organiza no livro, tentando afastá-lo de um viés filosófico-conceitual para inseri-lo no plano da sensação – sugestão. Na esteira de Deleuze e Guattari, Vladimir Moreira Lima argumenta sobre o pensamento:

O pensamento é sempre visto como um caos tornado consistente: pensar se dá junto ao caos. Contudo, a maneira como que a arte, a filosofia e a ciência se relacionam com o caos é totalmente distinta. [...] a filosofia, quando enfrenta o caos, cria conceitos, a arte cria sensações, compostos de perceptos e afectos, e a ciência cria funções. (LIMA, 2015, p. 94-95)

Acreditamos, com isto, que a compreensão do cronista indica algum “horizonte de expectativa”⁶ que ele já tinha da obra da amiga. Em suma, o “conceituoso”, no nosso entendimento, implicaria a entrada em uma perspectiva mais “filosofante” naquele livro, de acordo com a sua primeira versão, anterior à publicação. Nascimento, no estudo referido anteriormente, em parte, ajuda-nos a entender o “tom não-conceitual” de *A maçã no escuro*, prefigurando em um “pensar-sentir clariciano”.

Nascimento, ao comentar o texto *Água Viva* (1973), de Clarice Lispector, problematiza a “experiência do estranhamento” na ficção dessa autora, podendo servir de referência para analisarmos o caso de *A maçã no escuro*. Vejamos:

A radicalidade dessa experiência está no estranhamento de si mesmo que acontece de maneira não calculada. Se cálculo houvesse, ainda se estaria no reino da razão pura, da *ratio*, do *lógos*, da simples lógica, e a experiência descambaria num “exotismo mental”. (NASCIMENTO, 2012, p. 32)

Em nossa reflexão, defendemos que a saída do conceito, como sugerem os breves comentários epistolares de Sabino e Clarice, dá-se pela via da sensação, sendo possível a partir do momento em que se desvincula de verdades, pensamentos

totalizantes, universais, objetivos, prefigurados na explicação de tudo. Pelo “não-conceito”, a narrativa ganha em sugestão e pensamento, sem intenção de mostrar o acabado.

Do “pensar-sentir” em Clarice, evidenciado pelo crítico, faz-se mister, além disso, esclarecermos o “não-conceito” mediante a ideia de “experiência”, de Walter Benjamin, em seu ensaio intitulado *Sobre o programa da filosofia por vir* (2019). Em nossa abordagem, a relação entre a literatura clariciana, dada como obra “pensante”, não implicando necessariamente em filosofia, designa a possibilidade de emergência de conhecimento sem requerer qualquer tipo de conceito. Como sabemos, a “experiência” desenvolvida por Benjamin nesse ensaio apresenta uma problematização que perpassa pela ideia de experimentação não ligada à lógica e às certezas cartesianas, antes, inclui a “loucura”, “a liberdade”, “o inacabado” e o “não fechamento”, como explica Heleno Ribeiro (2019, p. 70) no “Posfácio” ao livro de Benjamin.

Diante de uma ficção que se perfaz no informe, na fuga da classificação, da objetividade, da lógica e da burocratização burguesa da vida, o “não-conceitual” implica uma saída da explicação, porque no conceito há sempre um risco de cair em esclarecimentos de tudo. Assim, Sabino chamou atenção para este modo conceitual de apresentar ficcionalmente uma certa realidade, quando poderia ficar apenas no plano da sugestão, quiçá da sensação, caso consideremos o ponto de vista de Nascimento, ou ainda, o diálogo com poetas ditos sensoriais, como é o caso de Caeiro.

Fugindo de uma “experiência” meramente científica, cuja natureza determina a busca da “verdade”, da “lógica matemática” e da “certeza acabada”, a experiência reclamada por Benjamin traz no seu bojo o “inacabamento”, sendo, pois, “por vir”. Neste ínterim, a Razão, desenvolvida no horizonte do chamado “Esclarecimento”, revela uma “vontade” científica de justificar uma verdade por uma “unidade sistemática” (BENJAMIN, 2019, p. 13). Portanto, adiantamos que nossa interpretação do que Sabino chamou de “tom conceituoso”, representa, em tese, a saída da experiência como razão esclarecedora, resquício da “época das luzes”.

Outro ponto que precisamos delinear é que Fernando não considera o romance como um todo conceitual, mas, segundo ele, algumas frases não são coerentes com o “tom” do livro. Ou seja, para o escritor, o conceitual dá-se no nível da construção

textual. Ainda na tentativa de explicar o viés “conceituoso”, opinado pelo amigo, Clarice responde:

Eu queria me pôr completamente fora do livro, e ficar de algum modo isenta dos personagens, não queria misturar “minha vida” com a deles. Isso era difícil. Por mais paradoxal que seja, o meio que achei de me pôr fora foi colocar-me dentro claramente. Como indivíduo à parte, foi “separar-me” com “eu” dos “outros” [...] Outro motivo do tom conceituoso, esse motivo mais íntimo e puramente pessoal, foi (suponho) a necessidade de enfim não ter medo de, afirmando, errar. Foi uma coragem, se bem que trêmula, se bem que incrédula de si mesma. Como você está vendo, explicar não justifica. Resta uma pergunta a mim, mas sobretudo a você: cortar a primeira pessoa não exigiria uma alteração profunda do livro? Tenho medo de, tirando a primeira pessoa, ter que mexer em muito mais. É preguiça minha, também. Se eu for um pouco bondosa comigo mesma, direi que é mais que preguiça: é exaustão de sentimentos, quanto ao livro e quanto em geral. (LISPECTOR, 2011, p. 131, grifo nosso)

Considerando Fernando Sabino um confiável interlocutor-leitor de seu trabalho, a autora aceita as sugestões do amigo, enviando o texto corrigido: “como sempre, você entendeu o livro completamente (Estou me referindo ao resumo que você fez dele.). E, como eu disse, concordo com todos os reparos. O melhor é não precipitar a publicação” (LISPECTOR, 2011, p. 133). Na esteira da problemática de narrativa que possuía fragmentos conceituais antes das “correções”, Sabino, em correspondência do dia 26 de setembro de 1956, explica de forma clara o que implicava a questão conceitual para o livro. De acordo com o cronista, “o importante não é dizer, é saber. Certas coisas não se dizem, porque dizendo, deixam de ser ditas pelo não dizer, que diz muito mais” (SABINO, 2011, p. 134-135).

Como se verifica, Clarice escreveu o enredo de *A maçã no escuro* em primeira pessoa, sendo alterado depois da interlocução com Sabino. A escritora, como sabemos, só irá publicar um romance em primeira pessoa com *A paixão segundo G.H.* Aceitando os comentários, ela suprimiu o prefácio e várias marcas de “primeira pessoa”. De 400 páginas escritas quando enviadas ao amigo, modificou cerca de 83 páginas. Faz-se mister discutirmos o que essa supressão tem a ver com o seu projeto ficcional.

Para isto, acreditamos que a “remoção” de marcas maiores de primeira pessoa apresenta relação com a projeção da emoção em seu projeto ficcional. Vale ressaltar que não se trata de uma emoção piegas, mas de um “pensamento das emoções”, como explica Georges Didi-Huberman em *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector* (2021). Da emoção como marca de um pensamento em Clarice, corrobora-se

a potência presente no itinerário de Martim, o qual é carregado de afeto, isto é, pela capacidade em ser contagiado pelo outro. Poder-se-ia dizer, inclusive, que *A maçã no escuro* é um livro dos afetos, dado o contágio do protagonista com a natureza, que, por sua vez, afeta a própria Clarice.

Queremos dizer, com isto, que a inserção da “emoção” nas crônicas, “gênero” que Didi-Huberman problematiza em seu ensaio, já se fazia presente também nos romances. Neste íterim, acreditamos que a escritora, ao enviar o texto de *A maçã no escuro* para Sabino, pergunta-se, como em decisão ética, sobre o seu próprio projeto, inscrevendo a sua emoção na escrita da história de Martim, como mostra em carta do dia 21 de setembro de 1956:

Uma coisa que me espantou é que você não falou de algo que me preocupava: o “tom maior” do livro. Bem que tentei evitar, mas “foi mais forte do que eu”. Talvez você tenha querido se referir a isso quando falou nas exclamações, gritos, etc.? A cena do ajoelhamento e pedido de perdão (de Martim, lembra?), por exemplo, me constrange um pouco — *mas teve que ser assim, e, para dizer a verdade, quando eu a relia, me emocionava horrivelmente e não achava nada falsa a cena, tinha que ser.* (LISPECTOR, 2011, p. 133, grifo nosso)

Percebe-se no trecho a maneira como Lispector lida com o desenvolvimento de *A maçã no escuro*. Na releitura, como ela afirma, há uma “verdade da cena”, prefigurada numa emoção transplantada para o enredo. Sob esta égide, a emoção aqui pode muito bem ser compreendida como noção que revela uma “moção”, conceito desenvolvido por Didi-Huberman (2018) em *Que emoção! Que emoção?*, cuja emoção retira o sujeito para fora de si mesmo. De acordo com esta concepção, sendo o emocional um movimento que desloca o eu da “planura”, poder-se-ia dizer que é pela emoção que Martim se libera de si mesmo, partindo rumo aos outros – vegetais e animais –, em um processo de plena alteridade e deslocamento. Martim, em movimento no mundo, é um comovido e um emocionado:

E com o filho, o amor pelo mundo o assaltara. Ele agora se comovia muito com a riqueza do que existe, se comovia com ternura para consigo mesmo, tão vivo e potente que ele era! tão bondoso que ele era! forte e musculoso! “*Sou uma dessas pessoas que compreendem e perdoam!*”, era isso mesmo o que ele era, sim, emocionado. (LISPECTOR, 1961, p. 183-184, grifo nosso)

Assim, mesmo na supressão de marcas maiores de primeira pessoa, o qual ainda aparece em alguns momentos do livro, não foi possível “frear” as emoções e, quem sabe, o “tom maior” da narrativa. No tocante à emoção como pensamento que evoca um movimento, Didi-Huberman argumenta no início de seu ensaio:

Clarice Lispector tomou uma decisão tanto ética quanto literária: ela não queria frear ou *reter* nenhum dos seus movimentos de afetos, desde que fossem algo mais do que simples movimentos de humor. Clarice Lispector não tinha nem se continha: ela semeava, se disseminava por toda parte para *oferecer* nesses textos, semana após semana, a emoção dos seus pensamentos e seu pensamento das emoções (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 7-8, grifo do autor).

Destarte, no diálogo epistolar entre Lispector e Sabino, encontra-se uma problemática em torno da técnica narrativa e uma questão “ética”, podendo ser entendido como projeto da autora, como aponta Didi-Huberman. A escritora optou por “verticalizar” as emoções numa infinitude que move as personagens, onde há também Clarice⁷, tocando-lhes, – intertrocando-se⁸ –, em disseminações solidárias, como no envolvimento de Martim com as plantas e animais – em sensações. Didi-Huberman ainda afirma:

A vertical é infinita. É um processo orgânico, não uma ideia abstrata. É um caule que continua a subir, uma raiz que não para de se aprofundar. Por que é infinita? Porque nossa caminhada solitária não tem descanso; e porque nossos movimentos solidários também não têm fim. Lispector busca doar sua solidão na própria medida em que ela busca compreender, tocar a dos outros. Ela envolve, portanto, algo que não tem nada a ver com um espaço para confissões pessoais: mais precisamente um pensamento das emoções, um saber não convencional — nem psicologia, nem sociologia — fundado sobre uma prática da escrita como uma forma de mover o pensamento. (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 14-15)

Na suposta supressão de marcas da primeira pessoa, “corrigida” por ela, o que fica de emocional neste narrador (Clarice?) de *A maçã no escuro*? Poderíamos responder da seguinte maneira: a história de Martim poderia ser “classificada” como relativamente simples. Trata-se da caminhada de um homem que, após ter supostamente assassinado a esposa, foge para o “coração do Brasil”, passando por um terreno da “era terciária” até chegar na fazenda de Vitória. Lá, é aceito, mesmo com desconfianças, para trabalhar com serviços gerais. No sítio, Martim também é preso, pois a proprietária desconfia do homem. Como vemos, não temos uma história de grandes sobressaltos, à

maneira de epopeia, mas de uma narrativa que dramatiza a fuga e a relação/contágio/afeto/intertroca entre Martim e os outros vivos e não vivos – vegetais, animais e minerais –, fazendo a linguagem também “derivar”, muitas vezes.

Nas crônicas, Didi-Huberman (2021, p. 11) sublinha que há um “impulso” que se relaciona com o próprio “movimento da vertical” das emoções nos textos escritos neste “gênero”, que, por sua vez, pode estar implicado nas demais formas narrativas. Vale ressaltar a famosa frase de *Água Viva*, texto publicado em 1973: “gênero não me pega mais” (LISPECTOR, 1998, p. 13). Nesse sentido, caso consideremos que haja uma crise dos limites ficcionais em Lispector, onde não existe mais fronteiras, é possível dizer que o “pensamento das emoções” prefigura o próprio projeto dos romances e contos. Veja o caso da crônica “Morte de uma baleia” (1968) e o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), em que o seguinte pensamento, modificado modestamente, se repete.

Em “Morte de uma baleia”, temos: “E quem atinge o quase impossível estágio de Ser Humano, é justo que seja santificado. Porque desistir de nossa animalidade é um sacrifício” (LISPECTOR, 1968, p. 2). Em *Uma aprendizagem*, lê-se: “Nunca atingiríamos em nós o ser humano. E quem atingia era com justiça santificado. Porque desistir da ferocidade era um sacrifício” (LISPECTOR, 1969, p. 146). Pelas datas próximas de publicação – 1968 e 1969 –, podemos afirmar que a autora aproveitou o pensamento sobre a “animalidade em nós” quase em escrita paralela.

Nas crônicas claricianas, Didi-Huberman evidencia (2021, p. 16-17) a presença de um estado de “graça”, realçado como “experiência interior”, o qual carrega um “não saber”, entretanto, na autora, o saber e o não saber “não se opõem mais”. Este ponto nos interessa para interpretarmos *A maçã no escuro* porque Martim, em certos momentos da fuga, deixa de usar o pensamento, “grunhindo”:

E porque aquele homem parecia não querer nunca mais usar o pensamento nem para combater outro pensamento — foi fisicamente que de súbito se rebelou em cólera, agora que enfim aprendera o caminho da cólera. (LISPECTOR, 1961, p. 50)

Esta noção do pensamento joga luz na compreensão que temos do “tom conceituoso”, proposto por Sabino em sua leitura. Partindo desta abordagem – do saber e não saber –, é possível que Sabino esteja pontuando momentos em que o romance

ganha em excesso de explicação, o qual se projeta em conceituação – próximo da justificação –, perdendo a possibilidade de não saber, sabendo. Vale ressaltar que estamos a falar de uma narrativa direcionada por uma terceira pessoa, depois da correção da autora. Então, Martim, por vezes, perde o pensamento, adquirindo um estágio de não saber, por outro lado, há nesta experiência um saber da ordem da “não-racionalidade”. Além disso, o narrador encaminha o trajeto do fugitivo de uma forma que pressupõe os movimentos dados pela solidariedade entre o homem e outros viventes, não havendo resumo que dê conta de dizer o itinerário de Martim, fazendo-se necessário lê-lo no interior da pura linguagem, em seu drama e em sua emoção – quando ele é afetado.

No que diz respeito às correções, Sabino não considera as mudanças no livro um grande desafio do ponto de vista do esforço em alterá-las, apesar de Clarice afirmar uma certa “preguiça”, como se já estivesse desligada do romance. Tentando esclarecer as possíveis modificações como algo “não trabalhoso”, ele diz: “não acho de grande importância para o livro as alterações sugeridas. Exatamente por isso é que me pareceu que não custava nada fazê-las” (SABINO, 2011, p. 138). É preciso considerar essas sugestões do cronista, já que a autora pergunta se os reparos não causariam mudança “profunda no livro” (LISPECTOR, 2011, p. 132). Consideramos que a mencionada questão tem relação com o seu projeto ficcional, cuja convergência se elabora no viés do “pensamento das emoções” e no que isto tem de envolvimento com a sua técnica narrativa, evidenciado principalmente nas crônicas.

Afinal, o que está em jogo nessas mudanças é uma decisão que diz respeito às escolhas técnicas de escrita por Clarice, em que qualquer coisa de “envolvimento emocional” coloca-se pontual, como sublinha Eduardo Jorge de Oliveira no Posfácio “A emoção segundo G.(D-)H.”, do livro *A vertical das emoções* (2021), de Didi-Huberman. Para ele, “há uma corrente sintática que não desconecta as emoções do pensamento, independentemente se a forma é romance, conto ou crônica, afinal, Clarice Lispector também brinca de pensar, ela é dotada do *animus brincandi*” (OLIVEIRA, 2021, p. 51). Na carta endereçada a Sabino, em 21 de setembro de 1956, como resposta às sugestões do amigo na correspondência do mesmo mês, ela nos revela o que se encontra em questão numa possível “reescrita”. Trata-se de um trabalho de retorno que implica uma volta à “exaltação” exigida pelo livro:

Para modificar a estrutura do livro, eu teria que me pôr no clima dele de novo – o que me apavora, pelo menos neste instante. Foi um livro fascinante de escrever, aprendi muito com ele, me espantei com as surpresas que ele me deu – mas foi também um grande sofrimento. Como voltar a ter contato íntimo com ele, sem provocar de novo em mim um estado de exaltação que, por Deus, não quero. Minha vontade seria mesmo viver em estado conceituoso, é tão mais calmo, dorme-se tão melhor. (LISPECTOR, 2011, p. 132)

No âmbito do “tom conceituoso” avaliado por Sabino na primeira leitura de *A maçã no escuro*, é imprescindível examinarmos que este termo – conceito – serve para operarmos a possibilidade de uma interpretação que analisa a trajetória de Martim como uma experiência dada a partir do “não-conceito”, pensando-o aqui como dispositivo que poderia evocar qualquer tipo de recusa à unidade, à centralidade ou à universalidade. Em *A maçã no escuro*, é sempre o provisório, a sensação, a deformação, o informe, para lembrarmos a epígrafe do Vedas (*Upanichade*) que abre o romance, que se impõe na fuga de Martim, principalmente durante a caminhada no jardim primitivo e terciário, momento em que o homem é afetado (devir) por plantas, minerais e animais.

Na narrativa, abre-se espaço para a saída da identidade definitiva e acabada rumo aos contornos sem fronteira, feito em contágio e aproximação com todas as formas vicinais de existência orgânica. Esta é, pois, a política e o pensamento de Clarice, que coloca o “céu e a terra em diálogo, por mais diferentes ou afastados que estejam” (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 37).

Partindo da reflexão de Didi-Huberman, o qual evoca tantas imagens vegetais para pensar a vertical das emoções em Lispector, é importante trazermos para o nosso estudo as recentes contribuições de Evando Nascimento em seu livro *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas* (2021), cujo vegetal serve como operador para interpretarmos o caso de Martim. No texto, é evidente a relevância das plantas na experiência da personagem pelo impessoal. Ao adentrar os terrenos – o interior do Brasil –, o homem caminha incorporando sempre o outro – o diferente, o estrangeiro –, deixando de pertencer ao viés puramente ontológico ou à metafísica que tem no seu cerne as verdades acabadas.

Na vivência incorporadora do outro, o que se sobressai é a saída de qualquer tese, projetando-se no indecível – no “não-conceito”. Dá-se como maneira urgente de pensar o impensado – por vir –, como mostra Nascimento sobre a literatura de Clarice:

Há um modo de pensamento singular que se articula na reinterpretação dos diversos viventes, os quais comparecem em todos os livros publicados sob essa assinatura. E é dessa maneira justamente que se perfaz o que chamo de literatura ou escrita pensante de Clarice Lispector, ou seja, aquela que permite pensar o impensado e até mesmo o impensável nas culturas ocidentais, indo muito além do pensamento humano em sentido corriqueiro [...] Esse seria o movimento mais geral da invenção clariciana: o encontro entre as alteridades humanas e não humanas, que ocorre como verdadeira forma de acontecimento ou crise. (NASCIMENTO, 2021, p. 186-187)

Assim, a menção ao “tom conceituoso” pode nos servir para considerarmos uma leitura da obra de Lispector à luz de abordagens mais recentes na fortuna crítica⁹ clariciana, utilizando-nos de certas temáticas, como a impessoalidade, a vida anônima, o indeterminado, o informe, a desontologização, a descolonização, etc. Neste ínterim, Sabino tratou de um “conceito” que se fazia presente em determinados fragmentos de *A maçã no escuro*, o que pode significar uma leitura interessante da experiência de Martim, vista como possibilidade de interpretá-la a partir do provisório e da incapacidade de fixação em qualquer forma definitiva.

Acreditamos que a expressão “tom conceituoso” projeta-se como uma compreensão interessante para fazer operar o tom do livro, o que pode ter sido “captado” por Sabino, pelo menos neste aspecto. Nele, prefigura-se uma questão fundamental: o viés “anti-tese”. Queremos dizer, com isto, em diálogo com Didi-Huberman (2021, p. 38), que Martim, ao experimentar dos outros viventes – vegetais e animais –, não pretende “reunir tudo em uma mesma entidade reconciliadora”, basta lembrarmos que o homem “abandona” as plantas para experimentar dos animais – as vacas do curral. Ao contrário, o que se constitui aqui são “passagens” que emergem de uma “micropolítica do reconhecimento do outro”. Não se trata de formular nenhum conceito, porque tudo é provisório, mas atingir o estágio que permite a plena alteridade e deslocamento.

Dessa forma, não sabemos até que ponto Fernando Sabino articulou a sua leitura de *A maçã no escuro*, ou seja, não é possível reconstruirmos uma interpretação/recepção mais densa por este leitor, amigo e também facilitador das publicações de Clarice, sendo ponte entre ela e os editores, muitas vezes. Na referência ao que ele considerou de “tom conceituoso”, é possível articularmos recepções contemporâneas, por exemplo, que estão em plena sintonia com a presente questão. Então, considerando esta retirada do

“conceito”, que tem no seu bojo a ideia de uma explicação, reunião ou concentração de um ponto de vista, em *A maçã no escuro* há uma experiência que foge de qualquer traço concentrador ou centralizador, assim como de metafísicas e verdades fechadas em blocos conceituais. Na história de Martim, afigura-se o *por vir*, ou ainda, o “sujeito sem unidade”, que na esteira de alcançar o “coração selvagem da vida”, o “estado natural”, acaba revelando uma “singularidade sem pertencimento” e uma “instância impessoal”, como argumenta Florencia Garramuño (2021, p. 146).

Nesse possível “futuro” e na política que se concretiza a partir de um conviver com o outro, engendra-se a disseminação constante das alteridades, para “contestar o reino das separações”, que é o das coisas no seu lugar, das hierarquias, das direções imutáveis e de tudo o que, em geral, não quer mudar de forma” (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 40-41). Em suma, acreditamos que a menção ao “conceito” carrega essas possibilidades de interpretação da obra clariciana, que, perpassa não apenas as crônicas, mas também os romances e contos.

Por fim, “reconstituir” o horizonte de leitura de Fernando Sabino apenas com breves comentários de algumas cartas, dando relevância à expressão “tom conceituoso”, é uma tarefa difícil e também estimuladora, considerando que a maior parte da compreensão do cronista em relação ao romance encontra-se incompleta por conta da perda de parte da correspondência de setembro de 1956. Por outro lado, apenas na referência ao “tom conceituoso”, é possível problematizarmos uma possível saída da unidade, descentralizando “teses” que desejam estabelecer definições, cuja potência poderia estar no *por vir* da incorporação de “passagens” sem limite ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo, desenvolvemos uma análise das correspondências entre Clarice Lispector e Fernando Sabino, datadas do ano de 1956. Nosso intento foi verificar como a interlocução entre os escritores contribuiu para mudanças no romance *A maçã no escuro* (1961), evidenciando-se como uma interessante discussão no que diz respeito às questões em torno do “tom conceituoso”. Consideramos que as cartas trocadas pelos autores e amigos são essenciais, pois fazem parte da história de *A maçã*

no escuro, revelando-se como materialidades que explicam vários aspectos da construção narrativa.

Sendo publicado apenas em 1961, o “impacto” dos diálogos epistolares alterou questões fundamentais no romance, como a focalização narrativa, assim como “expôs” o projeto ficcional de Clarice Lispector, a exemplo do viés “emocional”, que interpretamos sob os argumentos de Didi-Huberman. Além disso, com a leitura das cartas, enfatizamos o “pensamento” na literatura clariciana, à luz de Evandro Nascimento, dando destaque às sensações e à aproximação com os viventes inumanos.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. Tradução: Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

CURI, Simone. *A Escritura Nômade de Clarice Lispector*. Chapecó: Argos, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*. Tradução: Eduardo Jorge de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?!*. Tradução: Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2018.

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1971.

GARRAMUÑO, Florencia. Inauguração do futuro: Clarice Lispector e a vida anônima. In: DINIZ, Júlio (Org.). *Quanto ao futuro, Clarice*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; PCU-Rio, 2021, p. 139-149.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

LISPECTOR, Clarice. Morte de uma baleia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 111, p. 2, 17 ago., 1968.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 [1973].

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LIMA, Vladimir Moreira. *Deleuze-Guattari e a ressonância mútua entre filosofia e política*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2015.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NASCIMENTO, Evando. *O Pensamento Vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NUNES, Benedito. *O Mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

OLIVEIRA, Eduardo Jorge de. A emoção segundo G.(D-)H. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*. Trad. Eduardo Jorge de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021, p. 47-74.

PESSOA, Fernando. O Guardador de rebanhos. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora José Aguillar, 1960, p. 137-166.

RIBEIRO, Helano. A filosofia por vir nos braços do Messias. In: BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. Trad. Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019, p. 63-70.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. *Cartas Perto do Coração*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANCHES, Elisabete Ferraz. *Os Paradoxos do Desamparo: uma leitura de Perto do coração selvagem de Clarice Lispector*. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Recebido em: 21/03/2022

Aceito em: 21/07/2022

¹ Em carta do dia 26 de setembro de 1956, depois de sugerir vários títulos, Sabino diz que “A maçã no escuro” ainda é a melhor opção, mesmo carregando um pouco de “natureza-morta”, sendo “pouco comercial”, segundo ele.

² Cf. PERES, 2021, *online*: “A discussão literária se adensa sobretudo nas cartas trocadas a partir de 1956, quando Sabino estava às voltas com ‘O Encontro Marcado’, que sairia no mesmo ano, e Lispector concluía seu ‘A Maçã no Escuro’, que só seria publicado em 1961. [...] A autoanálise de Clarice vai se mostrando implacável. Ao comentar ‘A Maçã no Escuro’, diz: ‘Me escondi de mim o quanto pude. Sofri com ele e nele, mas não saí livre’ (24/1/57). Sob essa luz, a importância que adquire a troca da correspondência com o amigo Fernando Sabino recupera o objetivo primordial da toda carta — o de suprir uma ausência. É o que deixa entrever Clarice nas linhas finais de uma carta de 56, em que insiste ao amigo para não deixar de responder: ‘Escreva-me para me dar alguma realidade’”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0710200107.htm>. Acesso em: 18 de março de 2022.

³ Cf. SANCHES, 2012, p. 6: “O escritor Lúcio Cardoso, ao se deparar com o manuscrito do primeiro romance da amiga Clarice Lispector, sugere, como epígrafe do livro, uma passagem de *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce: ‘Ele estava sozinho. Estava abandonado, feliz, perto do coração selvagem da vida’. A obra joyceana, convém salientar, apresenta um protagonista com inquietações análogas às de Joana, de *Perto do coração selvagem*”.

⁴ Ver o estudo de Carlos Mendes de Sousa, intitulado *Clarice Lispector: figuras da Escrita*.

⁵ O sentido de devir deve ser compreendido a partir das reflexões de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1980).

⁶ Utilizamos “horizonte de expectativa” de acordo com a discussão de Hans Robert Jauss em *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária* (1994).

⁷ Cf. OLIVEIRA, 2021, p. 55-56: “O seu *eu* exposto não é propriamente o trânsito de um *eu* biográfico ou autobiográfico, mas é da ordem do que Georges Didi-Huberman, a partir da própria escrita, vai chamar de experiência interior. É sobre esse ‘eu’ – o *eu* da escrita, o *eu* do *punctum*, o *eu* em ebulição que sai de si a ponto de ser ‘não-eu’, que é uma questão importante para Georges Didi-Huberman”.

⁸ A palavra “Intertrocar” é retirada do discurso de Rodrigo S.M em relação à personagem Macabéa no livro *A hora da estrela* (1977). Cf. LISPECTOR, 1998, p. 22: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos”.

⁹ De acordo com a influência do existencialismo (Sartre, Heidegger), o qual teve seu apogeu na França da década de 1950, durante muito tempo houve uma intensa interpretação dos romances e contos de Clarice pela via dessa “escola” filosófica. Martin Heidegger, por exemplo, foi recorrente como instrumental nas compreensões dos textos ficcionais da autora, como é possível verificar nas leituras de Benedito Nunes, principalmente na compreensão do Ser e da Linguagem em Clarice. Cf. NUNES, 1966, p. 66: “Numa obra literária, para que o jogo da linguagem exista e tenha a propriedade reveladora, de alcance ontológico, assinalada por Heidegger, é necessário que a linguagem, sobre ser o material da ficção, constitua também, de certo modo, o seu objeto. Isso é o que sucede nos romances de Clarice Lispector”.